Anais de Resumos Expandidos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

Interações sobre vozes autorizadas a falar sobre autismo[1]

Interactions about voices authorized to speak about autism

Leticia Gedrat

Palavras-chave: Lugar de Fala; Causa e Movimento Autista; Interação; Paradoxos.

O tema desta pesquisa coloca-se em torno da esfera dos sentidos gerados a respeito do autismo, mais precisamente sobre as elaborações do movimento autista contra a alienação por meio da reivindicação do seu lugar de fala. Para isso observamos a interação com a causa do autismo elencando objetos empíricos que deem conta de mostrar a agonística criada entre essas esferas: quais são as vozes autorizadas a falar sobre o autismo?

Em outras palavras interessa-nos como ocorrem as interações, interpenetrações e agonística, a partir dos paradoxos que se evidenciam (FERREIRA, 2020) nesses espaços de fala que, de forma recorrente, debatem a questão sobre quem tem a autoridade para enunciar em torno do autismo. Para isso, a partir de uma passagem e observação no campo dos empíricos reconhecemos duas formações de discursos que se dedicam a narrativas sobre o autismo. São eles: 1) *Causa* do autismo e 2) *Movimento* autista. Essa nomenclatura parte de uma agregação nossa, que discorreremos mais adiante. Cabe, no entanto, antecipar que é uma divisão que busca caracterizar

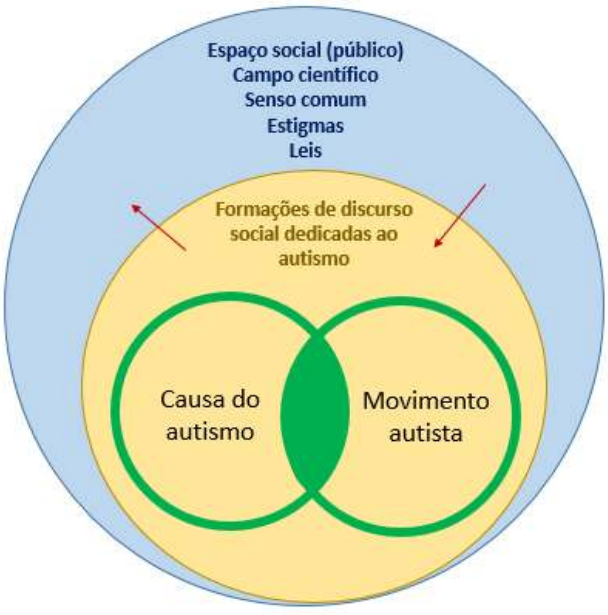
[1] Trabalho apresentado ao IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS.

Anais de Resumos Expandidos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

semanticamente as diferenças observadas nos grupos que tratam sobre este tema, não tendo por intenção *categorizar* os atores observados de maneira total.

Em termos de contexto, essas ordens citadas situam-se dentro da esfera social, o que significa que afetam e sofrem afetações oriundas de toda a vida pública, dos saberes científicos que permeiam o assunto autismo desde sua gênese e das significações geradas a partir dele no senso comum. Assim, os estigmas da sociedade são tanto constituintes de seus modos de pensar, quanto também problematizados por suas transformações. Para fins de síntese, elaboramos o diagrama abaixo que busca ilustrar as compreensões que adotamos sobre o posicionamento social dos objetos aos quais nos debruçamos.

Figura 1. Diagrama de localização das formações de discursos identificadas e suas afetações



Fonte: elaborado pela autora (2020).

Anais de Resumos Expandidos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

Como mencionado, as formações de discurso que se dedicam ao autismo (círculo amarelo) com certa propriedade do assunto, diferindo-se do senso comum, estão situadas dentro do espaço público (círculo azul) e são assim permeadas e alimentadas também por ele e por seus estigmas. Assim como esses construtos do espaço público as compõem, também recebem dessas ordens informações e problematizações que podem modificar as estruturas sob as quais essas ideias e estigmas são construídas. Esse movimento é representado no diagrama pelas setas vermelhas e não será nosso principal ponto de análise, embora componha o contexto que o permeia e também um ambiente onde se manifestam intensamente as lógicas da midiatização (BRAGA, 2015).

Importante mencionar que a separação em duas formações de discursos, representadas pelos círculos verdes, não significa necessariamente a possibilidade (ou intenção) de classificar cada indivíduo em uma esfera. São formas de agrupamentos de discurso apenas, e não de formação de um grupo (muito embora em alguns casos possamos inferenciar sobre as inter-relações utilizando as ordens como referência de grupo). A circulação dos sentidos dentro dos círculos verdes gera circuitos (BRAGA, 2012) de autoreferencialidade, que fortalecem os grupos de discurso em suas próprias argumentações. Essa dinâmica é algo já presente na vida social, que se transpõe para as mídias e se torna também uma problemática dos meios.

O espaço hachurado em verde representa o ponto em que as formações de discurso entram em interação e é, precisamente onde localizamos a problemática que direciona nossa investigação. Nesse espaço de interação, além do debate que se cria entre as ordens, também identificamos alguns pontos que compartilham em comum. Grosso modo, o que nesses eixos parecem similaridades diz respeito ao interesse sobre a qualidade de vida das pessoas autistas, inclusão e oportunidades, garantia de direitos e apoios necessários aos indivíduos que necessitam. Em outras palavras, possibilidade

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

plena de exercer seus direitos de participação da vida social. A divisão se cria a partir do que cada feixe de interpretações parece compreender sobre quais as formas adequadas para se atingir esses objetivos e, acima de tudo, quem está autorizado a reivindicá-los.

É justamente neste ponto em que situamos a questão principal a qual esta pesquisa se dedica investigar: Quem está autorizado a falar sobre o que os autistas precisam? Quem pode dizer como é a vida de um autista e como sua qualidade de vida pode ser garantida? Quem pode falar sobre sobre o que querem o que lhes fará bem? Quando essas esferas são colocadas em contato, inevitavelmente há o debate, pois os ambientes que habitam (suas esferas de autoreferencialidade) não são construídos como espaços agonísticos, e assim os paradoxos que os caracterizam entram em choque. Apesar de serem universos muito autoreferenciais, um está frequentemente observando o outro e falando sobre o outro, criando-se uma tensão não resolvida que só pode ser solucionada na interação, na comunicação. Este é precisamente o nosso objeto principal de estudo.

O problema da autorização se coloca em muitas dimensões diferentes de polarização, e observamos também que as próprias esferas interlocutivas muitas vezes posicionam-se para criar e sinalizar os limites dessa autorização negociada. Elenca-se um grupo de valores que devem ser defendidos por cada grupo e quando estes não são manifestos pelos indivíduos, esses são automaticamente transpostos a “um outro grupo que não o que eu pertenço”. Surge uma referencialidade contínua ao outro, mesmo nos espaços em que os grupos só trocam entre si. Foi a partir daí que inferenciamos sobre essas segregações, partindo de observações das discordâncias que implicam em separações e reconhecimento dessas diferenças. Como sempre, a sociedade caminha com seus paradoxos, e isso gera uma série de afinidades eletivas que são antissociais e, ironicamente, segregam o que é diferente de si.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

Ousamos inferir que as esferas de diferenciação se constituem somente a partir deste ponto de contato. Ou seja, conseguem delimitar o que são, somente a partir da identificação do que *não são*. Compreendem-se enquanto grupo em um processo ironicamente muito semelhante ao que a sociedade entende como normal e como padrão, a partir da identificação do *diferente*. Essas problematizações serão trabalhadas mais adiante ao acionarmos a bibliografia apropriada e pretendemos fazer analogias que costuram as lógicas constituintes do sistema social a partir de seus estigmas com a formação dos grupos de resposta a esses estigmas, que por vezes adotam precisamente a mesma lógica que criticam.

À questão das vozes autorizadas a falarem sobre o autismo somam-se inúmeras variáveis que tornam a trama que compõe essa investigação ainda mais complexa. Podemos citar, por exemplo, que o transtorno do espectro autista contempla indivíduos com diferentes necessidades de suporte, diferentes capacidades e dificuldades e que nenhuma solução única poderá ser satisfatória a todos. Isso implica em indivíduos que possuem muitas vezes dificuldades para falarem por si só, o que faz com que os familiares se prontifiquem a serem os interlocutores de suas questões. O debate entre os adultos autistas falando sobre sua condição e pais de crianças autistas, recentemente diagnosticadas, também rende muitos embates sobre quem pode falar sobre qual perspectiva, dentre muitos outros que já pudemos observar.

Essa situação coloca o campo acadêmico em interpenetrações pelas configurações da sociedade em mediatização (FAUSTO NETO, 2018) com a causa e o movimento, já que serve tanto como referência (já que a base da argumentação no movimento e na causa são as referências acadêmicas) quanto como foco de questionamento pelas inferências dos outros dois. Por isso, ele será tratado como um contexto especial de problematização, embora não seja aqui objeto empírico. O campo acadêmico é a voz autorizada mais legitimada em todos os âmbitos da sociedade. A

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

ciência, principalmente no que tange às áreas do conhecimento relacionadas à saúde, construiu historicamente seus discursos sobre a deficiência sob um *modelo médico*, que elenca determinadas características do que pode ser considerado um indivíduo normal e patologiza qualquer *desvio* a este padrão.

Este formato cria a concepção de deficiência que foca nos déficits dos indivíduos e assim cria estratégias de controle, cura, tratamento e soluções específicas para o *problema* do indivíduo. Nesse sentido, exploraremos seus aspectos na intenção de compreender a trama que se estabelece na dimensão social sobre a interpretação do autismo no senso comum, que fomenta estigmas e um ambiente que aliena os *diferentes.*

Reconhecer que os saberes científicos não devem ser aceitos como única voz autorizada a falar sobre autismo é também reconhecer o papel primordial que os demais atores exercem na construção da vida social e dos saberes. Esta é uma das formas de agir por um futuro desejado às pessoas autistas e por uma transformação da sociedade conforme uma realidade que almejam, coisa que é, como já mencionado, a principal semelhança entre o que elencamos como *causa* e *movimento*.

A partir de inúmeras idas e vindas do campo empírico de observação, chegamos a esses questionamentos compreendendo que a disputa comunicacional que ocorre hoje no campo observado (formações de discursos em torno do autismo) gira em torno dessa disputa da autorização e do lugar de fala neste assunto. Por analogia, isso é também observado nas interações entre atores localizados em outros movimentos e causas, como entre os afrodescendentes. Compreendemos, no entanto, que esta não é a questão que nos cabe responder (quem pode ou não falar sobre o autismo), mas sim observar o que emerge enquanto fenômeno comunicacional deste encontro de narrativas.

Localizada no campo comunicacional, essa pesquisa se dedica em extrair dos episódios comunicacionais empíricos, inferências sobre o que está ocorrendo no processo de interação abordada como comunicação mediatizada. Conforme Ferreira

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

(2020), este é um processo de resolução dos paradoxos sociais em interações onde a interposição dos meios pode reconfigurar as relações entre atores e instituições. A questão das autorizações se inscreve, portanto, mais relacionada com a observação de tentativas de estabelecer os limites das falas, do que com a permissão concedida a cada ator para enunciar.

Para dar conta desta problemática, nos dedicamos a buscar e analisar objetos empíricos que tragam exemplos do tensionamento entre o que identificamos como movimento e causa autista, observando como a agonística pelo direito a voz autorizada se articula com as formações de discurso na tensão entre essas duas esferas de interação. Para isso, acionamos principalmente o conceito de lugar de fala como conceito metodológico (BRAGA, 2000) e epistemológico (SODRÉ, 2019).

Referências

BRAGA, José Luiz. **"Lugar de Fala" como conceito metodológico no estudo de produtos culturais**. Mídias e Processos Socioculturais. São Leopoldo: Editora Unisinos, p. 159-184, 2000.

FERREIRA, Jairo . Midiatização, comunicação e algoritmos: uma proposta teórico metodológica para investigação das afinidades eletivas. In: FERREIRA, Jairo; GOMES, Pedro Gilberto (Org.) ; FAUSTO NETO, Antonio (Org.) ; BRAGA, J. L. (Org.) ; Rosa, Ana Paula (Org.) . **Redes, sociedade e polis: recortes epistemológicos na midiatização** (no prelo). 1. ed. SANTA MARIA: FACOS-UFSM, 2020. v. 1. 250 p.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France**, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

GAUDENZI, Paula; ORTEGA, Francisco. Problematizando o conceito de deficiência a partir das noções de autonomia e normalidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, 2016.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, 1985

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

_____. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1978.

ORTEGA, Francisco. Deficiência, autismo e neurodiversidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, p. 67-77, 2009.

SANTOS, Renata Tubarão dos. Por Trás desse Olhar: a Pessoa Autista para Além do Diagnóstico**.** In: **Psicologado**, 2017. Disponível em: <https://psicologado.com.br/psicopatologia/saude-mental/por-tras-desse-olhar-a-pessoa-autista-para-alem-do-diagnostico> . Acesso em 24 julho 2020

SODRÉ, Muniz. Do lugar de fala ao corpo como lugar de diálogo: raça e etnicidades numa perspectiva comunicacional. Entrevista a Roberto Abib. **RECIIS - Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 877-886, out./dez. 2019.